

O corporativismo russo na era Putin e a instrumentalização do setor de petróleo e gás (1990-2021)

Pedro Henrique Miranda Gomes, Tadeu Morato Maciel – Instituto de Estudos Estratégicos –
Universidade Federal Fluminense (INEST/UFF)

Resumo

Neste texto busca-se sistematizar o papel da indústria do petróleo e gás (P&G) no fortalecimento geopolítico da Federação Russa desde a sua formação após o desmantelamento da antiga União Soviética. A análise concentra-se nas ações tomadas pelo país a partir da chegada de Vladimir Putin ao poder, uma vez que a natureza corporativista de seu governo, baseada em uma “vertical do poder”, favorece o uso do referido setor para fins geopolíticos. A motivação para a realização de artigo é contribuir com os estudos sistemáticos das iniciativas do Kremlin ao redor da alavanca energética de poder e as reações suscitadas por essas iniciativas nos outros atores da região. O nosso objetivo é testar a hipótese de que quanto maior a presença do setor de hidrocarbonetos russos nos mercados do seu entorno, maior o potencial geopolítico da federação russa. Isso será realizado através da análise das variáveis (presença do setor e potencial geopolítico russo) a fim de verificar se há ou não relações causais entre elas. Recorreremos à análise quantitativa no que diz respeito à verificação de elementos de aferição ligados à variável independente, como volumes de exportação, porém será também lançado mão da análise qualitativa na medida em que dados afins serão traduzidos para a aferição da variável dependente. Resultados apontam para a validação da hipótese no contexto específico dos governos Putin, na medida em que o sistema corporativista russo passou a permitir que o governo, através da definição de rotas estratégicas de fornecimento de hidrocarbonetos e pela compra de recursos energéticos e controle dos preços de venda, exerça pressão política nos países do entorno, aumente parcialmente a dependência dos mercados destinatários dos hidrocarbonetos russos e reduza a dependência russa pela demanda europeia, pela via da diversificação de mercados compradores.

Palavras-chave: Federação Russa; Política Internacional; Petróleo e Gás.

Abstract

The present paper aims to systematize the role of the oil and gas industry in the geopolitical strengthening of the Russian Federation in the last three decades. The analysis focuses on the “vertical of power” established by Russian president Putin and the way it benefits the use of the referred sector to geopolitical ends. Our objective is to test the hypothesis that the bigger the presence of the russian hydrocarbons sector in the markets around it, bigger will be the geopolitical potential of the Russian Federation. This will be done through the analysis of selected variables (presence of the sector and the Russian geopolitical potential) in order to verify the existence or lack of causality between them. We'll recur to quantitative analysis when handling elements related to our independent variable, but qualitative analysis will also be useful as data will have to be interpreted in order to assess the dimension of the dependent variable. Results indicate that the hypothesis may be validated, as the Russian corporatist system allowed the government to exert political pressure in the surrounding governments, partially increase destiny markets' dependence of Russian hydrocarbons and reduce Russian dependency of European demand via diversification of buying markets, through its energetic lever.

Keywords: Russian Federation. Energy Geopolitics. Corporatism.

1. Introdução

O fim da Guerra Fria trouxe consigo uma reorganização do sistema internacional, o que levou a subseqüentes debates acerca da sua nova configuração, que aparentava indicar para uma unipolaridade na década de 1990, mas que já começou a ser alterada pela participação ativa de Rússia e China desde a virada do milênio. É possível identificar, já no final da década de 1990, uma transformação na política externa russa, que sai da cooperação absoluta com o Ocidente e da aceitação do *status quo* estabelecido com o fim da bipolaridade, para uma política mais assertiva e independente, que busca contrabalancear o bloco ocidental, em especial no que tange aos países da OTAN.

Esta postura é intensificada nos governos Putin-Medvedev. A “era Putin” é marcada pelo estabelecimento de um sistema corporativista, que define a hierarquia e a orientação nas quais as estruturas política e econômica do Estado russo estão arranjadas (MACIEL; GOMES, 2021). Dessa forma, o setor de petróleo e gás (P&G), que já era o setor econômico chave da federação, passa também a ser uma ferramenta estratégica na política internacional.

O que se busca entender no presente texto é de que forma o setor de P&G russo se tornou um instrumento geopolítico. Nesse sentido, buscamos realizar, a uma só vez, um esforço descritivo – contribuindo, sobretudo, com uma sistematização dos projetos estratégicos do Estado russo no setor de petróleo e gás, ilustrado nas tabelas 1 e 2 – e de verificação da hipótese de que quanto maior a presença do setor de hidrocarbonetos russos nos mercados do seu entorno, maior o potencial geopolítico da federação russa.

Essas variáveis serão verificadas a partir de um grupo de indicadores. A **presença do setor russo de petróleo e gás** será medida a partir de: (1) exportações de hidrocarbonetos para os principais mercados do entorno russo; (2) investimentos das empresas do setor em países desses mercados; (3) projetos estratégicos de dutos de fornecimento de hidrocarbonetos. E o **potencial geopolítico russo** será aferido a partir de: (1) grau de dependência dos hidrocarbonetos russos nos mercados mencionados; (2) grau de diversificação da demanda de petróleo e gás russos; (3) dependência da definição da política de preços pelos hidrocarbonetos por parte dos países de trânsito.

A análise quantitativa nos será útil na medida em que possamos lançar mão de elementos quantificáveis no que diz respeito à verificação da variável independente, a presença do setor. Para tal, será essencial o uso da base de dados da Eurostat sobre a importação de hidrocarbonetos, bem como dados advindos do governo russo acerca dos destinos e volumes de exportação, dados acerca da construção de dutos de transporte de hidrocarbonetos, entre outros.

Por outro lado, a análise qualitativa estará também presente no texto, na medida em que a relação causal entre as variáveis não é quantificável, dada a natureza da variável dependente. Para esta análise, contaremos com a contribuição teórica de Schmitter no que diz respeito à avaliação de estruturas corporativistas e nos apoiaremos em uma seleção de autores francófonos, em sua maioria (YAKEMTCHOUK, 2008; RADVANYI; LARUELLE, 2016; PIATIGORSKY; SAPIR, 2009, entre outros), os quais conduziram análises descritivas e críticas em diferentes esferas da atuação do Estado russo.¹

Um recorte relevante da pesquisa é o temporal, na medida em que a análise se estende preponderantemente até o ano de 2021, antes, portanto, da invasão russa à Ucrânia, que alterou profundamente a disposição de forças e a configuração da geopolítica energética na região.

¹ Esse critério de escolha de algumas referências para esse artigo, em específico, deve-se ao fato de que foi feita pesquisa *in loco*, na França, para a compreensão da visão de importantes autores daquela comunidade acadêmica em relação à recente estrutura do Estado russo e a instrumentalização do setor de petróleo e gás.

A divisão do trabalho é realizada, portanto, de modo que em seguida a esta introdução haverá uma outra para considerações iniciais a respeito do corporativismo russo. Em seguida, aborda-se o mecanismo de poder da alavanca energética, a partir de subseções dedicadas a cada região específica de atuação desse mecanismo. Finalmente haverá uma seção referente aos resultados apresentados, ao que se seguem as considerações finais.

2. O Corporativismo À La Russe

O primeiro passo importante em relação à temática abordada neste texto é apresentar as principais características das gestões de Vladimir Putin, o qual possui uma posição central no governo russo desde 2000, quando assumiu como presidente.² O modelo de governo de Putin pode ser definido como corporativista, partindo-se da definição de Schmitter (1974, p. 93-94, *tradução nossa*) de corporativismo como:

um sistema de representação de interesses cujas unidades constituintes são organizadas em um número limitado de unidades singulares, compulsórias, não competitivas, hierarquicamente ordenadas e funcionalmente diferenciadas, reconhecidas ou licenciadas (quando não criadas) pelo Estado, às quais é concedido monopólio de representação dentro de sua respectiva categoria em troca da observância de certos controles na seleção de seus líderes e na articulação de demandas e suporte.

Diante das particularidades do modelo putiniano ocorreu o estabelecimento de uma vertical do poder, que perfila a estrutura política e econômica da federação russa, criando uma linha de transmissão mais rígida que busca adequar os setores estratégicos a um projeto único para o país. Como resultado, as empresas de combustível passam a ser mais claramente utilizadas como instrumentos efetivos para a busca dos seus interesses geopolíticos. Esses instrumentos não estavam completamente ausentes da ação externa do governo Yeltsin (que chegou, inclusive, a construir o gasoduto Yamal-Europa, que inicia o contorno da Ucrânia), mas seu uso era mais restrito, devido à postura descentralizadora do governo, que, ao abrir mão dos ativos e mecanismos de controle governamental do setor, perde capacidade de acioná-lo imediatamente.³

A ferramenta energética tem sua atuação dividida em duas ações estratégicas principais: por um lado, em esforços de reforçar (e, atualmente, recuperar) a influência russa no chamado “estrangeiro próximo”, composto pelas ex-repúblicas soviéticas; pelo outro, em projetos que visam reduzir a vulnerabilidade russa no comércio exterior e reforçar sua posição geopolítica frente aos seus parceiros comerciais – diversificando os destinos dos hidrocarbonetos e buscando aumentar a dependência destes frente ao país eslavo. Há, ainda, uma atuação das empresas energéticas com Investimentos Diretos Externos (IDE's) que condizem com os interesses da política externa russa.

Neste complexo de interesses, cabe ressaltar a importância que recai na região da Ásia Central – com destaque para o Mar Cáspio – localizada no centro de três grandes atores de interesses conflitantes no que diz respeito a recursos energéticos. Se, no século XIX, a disputa geopolítica entre Inglaterra e Rússia na região recebia o nome de “o grande jogo”, a questão energética leva à reedição do fenômeno, desta vez expandido pela participação da China e da Europa como um todo (PIATIGORSKY; SAPIR, 2009).

² O primeiro mandato presidencial de Putin começou em 2000 e terminou em 2008, quando ele assumiu o cargo de Primeiro Ministro até da Rússia até 2012, que marca o início da sua segunda gestão como presidente. Atualmente, Putin está realizando manobras políticas para tentar permanecer ininterruptamente no comando da Rússia até 2036.

³ Para maior aprofundamento nas particularidades dos dois modelos de governança, ver Gomes (2018).

Entretanto, não se pode entender esta vertical do poder como uma pura extensão do governo, desprovida de quaisquer interesses próprios. Ao se referir à companhia Gazprom, Piatigorsky e Sapir fazem as seguintes considerações:

O gigante do gás russo é incontestavelmente um instrumento importante nas mãos do poder, mas ele não é apenas isso. A existência de uma estratégia autônoma, definida pelos interesses próprios da companhia é indubitável. O que faz ao mesmo tempo a complexidade e a eficácia da estratégia russa no domínio da energia reside justamente nessa combinação entre interesses de Estado e os das grandes companhias que, certamente, o servem e dependem dele, mas que também sabem fazer valer suas lógicas industriais para evitar uma instrumentalização muito estreita. (2009, p. 178-179, *tradução nossa*).

Ainda assim, o alcance da alavanca energética é politicamente substancial, levando Mongrenier e Thom (2016) a descrever o país como uma “energocracia”. A ação das empresas se divide em três frentes: Europa, da qual Moscou busca reduzir a dependência, sendo o continente o principal destino para as exportações energéticas (GOMES, 2018); China e mercado sul-asiático, cujo forte crescimento o faz aparecer como alternativa ao Ocidente; e estrangeiro próximo, que, através das redes de distribuição de hidrocarbonetos e IDE’s, o Kremlin tenta manter sob seu controle. A este grupo adicionam-se as atividades das companhias em países aliados ou estratégicos para Moscou. As ações dividem-se, ainda em duas principais: IDE’s e construção de uma infraestrutura de fornecimento de combustível, possibilitando novas rotas aos principais destinos.

Apesar da importância visivelmente menor da indústria do gás natural frente à do petróleo no que diz respeito à renda proveniente da sua exportação (GOMES, 2018), é perceptível a atuação mais frequente daquele setor em operações sensíveis à política externa russa. Isso pode ser explicado por diferentes fatores combinados: diferentemente do petróleo, que é exportado majoritariamente através de navios petroleiros (e, logo, pode substituir fornecedores mais facilmente), o gás natural requer majoritariamente a instalação de redes de gasodutos para a sua distribuição, o que leva Moscou a disputar ativamente as rotas de distribuição⁴. Ademais, seu uso residencial para aquecimento se revela útil, na medida que os Estados se veem mais pressionados por eventuais interrupções de fornecimento de gás durante o inverno.

Finalmente, o gás natural está cotado para desempenhar grande papel na transição energética global rumo às energias renováveis⁵, por ser menos poluente que outros combustíveis fósseis (OECD; IEA, 2017). Portanto, a Rússia vê grandes oportunidades de desempenhar um papel na transição energética global, uma vez que possui as maiores reservas de gás natural do mundo.

3. As Zonas de Atuação da indústria de petróleo e gás da Rússia

3.1 O Mar Cáspio

No epicentro das três frentes mencionadas se encontra o Mar Cáspio, que dispõe de importantes reservas de hidrocarbonetos, e desempenha papel importante no “novo grande jogo” do petróleo e gás na Ásia Central⁶. Com o fim

⁴ Para o fornecimento do gás natural, há ainda a possibilidade de fornecimento através de GNL (gás natural liquefeito): resfria-se o gás para reduzi-lo em 600 vezes, tornando-o mais fácil de ser enviado através de navios a destinos distantes, inacessíveis via gasodutos. Contudo, a participação do GNL na oferta global de gás natural ainda é incipiente - 9,8% em 2016 (INTERNATIONAL GAS UNION, 2018).

⁵ Isso se verifica no aumento contínuo da sua demanda global, que passa de em torno de 15% em meados da década de 60 para recordes 23,4% em 2017 (BRITISH PETROLEUM, 2018a).

⁶ O Mar Cáspio dispõe de importantes reservas tanto *offshore* quanto na região continental litoral. Estima-se que que contenha 48 bilhões de barris de petróleo e 8.7 trilhões de metros cúbicos de gás em reservas provadas ou prováveis (STRATFOR, 2014).

da URSS, a criação de novos Estados transformou as linhas de delimitação marítima. Antes dominante na região, a Rússia viu seu território se reduzir ao ponto de dispor de apenas 16% de zonas de exploração autônoma, enquanto Turcomenistão, Cazaquistão e Azerbaijão dispõem de aproximadamente 70% (YAKEMTCHOUK, 2008).

Diante desse cenário, as disputas e negociações pelo uso da região atrasaram sua exploração mais intensiva. Após a iniciativa do Azerbaijão de desenvolver produções offshore na região com empresas estrangeiras, o Kremlin enviou uma nota ao secretário geral da ONU, afirmando que o mar Cáspio, por não dispor de saída para o mar, seria um *land-locked body of water*, ao qual as normas do direito internacional referentes ao mar territorial, à zona econômica exclusiva e à plataforma continental não se aplicam, propondo, em substituição, fazer valer os acordos sovieto-iranianos, de copropriedade, o que foi rejeitado pelos demais países do Cáspio (YAKEMTCHOUK, 2008).

Figura 1



Fonte: Yakemtchouk (2008)

Apenas em agosto de 2018 foi assinada a convenção sobre o *status* legal do mar, determinando que “a área principal da superfície do Mar Cáspio permanecerá de uso comum, enquanto o fundo e seu interior serão divididos entre os países” (RIA NOVOSTI, 2018, *tradução nossa*). Essa convenção garante a segurança jurídica para que empresas estrangeiras atuem na região, e representa uma derrota à estratégia de Moscou.

O “grande jogo” se materializa no Cáspio na medida em que Europa, China e Rússia buscam controlar a distribuição do petróleo proveniente da região. Soma-se a isso a influência e financiamento dos EUA, que, ao lado da Inglaterra, vê como desestabilizante o domínio russo (ou pior, iraniano) sobre as reservas, de modo que apoia a construção de novas rotas de fornecimento à Europa⁷ (YERGIN, 2014). Tal iniciativa permitiria evitar as rotas já estabelecidas na época da URSS, que direcionam os recursos da região ao norte, passando pela Rússia antes de serem exportadas para a Europa.

⁷ A opção pela diversificação do fornecimento que evitasse o controle russo era evidente sobretudo após ter ficado clara a dependência global dos hidrocarbonetos árabes durante a Guerra do Golfo. Era preciso, portanto, agir no sentido de diversificar a oferta para este mercado, em especial no que diz respeito ao fornecimento a um aliado estratégico.

3.2 A Europa

Se nas décadas de 60 e 70 a região era vista como esgotada ou difícil tecnologicamente de ser explorada, Baku, no Azerbaijão, tem um renascimento na década de 90 com o desenvolvimento do campo Shah Deniz, em uma operação que foi chamada pelo presidente do país de “o acordo do século” (YERGIN, 2014). Na mesma década de 90 foram iniciados os projetos para levar os hidrocarbonetos do país à Europa, aproveitando-se da sua posição estratégica na margem ocidental do Mar Cáspio.

Para lidar com o excesso de fluxo de navios petroleiros no Bósforo, o projeto para transporte de petróleo de Baku seguiria o trajeto Baku-Tbilisi-Ceyhan, que deu nome ao oleoduto (BTC – Tabela 2), o qual está operacional desde 2006 e atualmente tem capacidade de 59,8 milhões de toneladas por ano (BRITISH PETROLEUM, 2018b). O Azerbaijão busca, dessa forma, reduzir sua dependência da Rússia, fornecendo petróleo por esta rota, enquanto mantém transporte também à Rússia (YAKEMTCHOUK, 2008). Além disso, foi esquematizado um plano do Ocidente de formar um corredor de gás, que ficou conhecido como projeto Nabucco, o qual encaminharia gás natural de Baku à Europa. Contudo, o projeto, que seguiria até o centro da Europa, se tornou inviável economicamente (devido a custos de produção e concorrência do projeto russo South Stream), dando lugar a projetos concorrentes.

Desta forma, o projeto Nabucco dá lugar à nova iniciativa europeia, de construção do Southern Gas Corridor, uma série de projetos que levariam gás do Mar Cáspio à Europa. O primeiro é o South Caucasus Pipeline (SCP), que segue o caminho do BTC, do Azerbaijão à fronteira entre Turquia e Geórgia⁸, seguido pelo TANAP, que atravessa a Turquia e foi posto em operação em 2018. A parte final, o Trans Adriatic Pipeline (TAP) está com 80,7% da sua construção realizada, e deve terminar de ligar o Mar Cáspio à Itália (TRANS ADRIATIC PIPELINE, 2018). Há, ainda, o plano para expandir esse desenho, construindo um gasoduto que atravessasse o Cáspio, chegando ao Turcomenistão, o Trans-Caspian Pipeline (TPC), sendo facilitado pelo acordo obtido acerca do *status* do mar. Esta expansão pode contar, ainda, com a participação do Irã, dependendo do rumo que tomar as relações do país com o Ocidente (REGNUM, 2018). Inicialmente, aproximadamente 10 bcm/y (billion cubic meters/ year) de gás correriam por ano pelo corredor. Contudo, já em 2022 11,4 bcm foram importados pela Europa através da rota, e esta pretende aumentar este número para 80 a 100 bcm/y no futuro (EUROPEAN COMMISSION, 2018).

Por sua vez, a Rússia busca garantir sua posição no mercado europeu. É com isso em mente que Gazprom e Lukoil desenvolvem suas estratégias com base na compra de infraestrutura de energia na Europa (SCHUTTE, 2011). Foi nesse contexto, em 2009, que entrou em vigor o “terceiro pacote energético europeu”, dispondo da “cláusula de terceiro país” (que ficou conhecida como Cláusula Gazprom), que estabelece que companhias de países não europeus deverão entrar em acordo com a autoridade reguladora e dar evidências de que sua participação na infraestrutura energética não colocará em risco a segurança energética tanto do país em questão quanto da União Europeia (KHODAKOVSKYY, 2014).

A lei teve o efeito prático de barrar a construção da alternativa russa aos projetos de corredores energéticos ocidentais. Moscou pretendia disputar o fornecimento ao sul europeu lançando mão, em 2007, do South Stream, que teria capacidade de 63 bcm e atravessaria o mar negro até a Turquia, de onde enviaria gás para a Europa (MONGRENIER; THOM, 2016). Planejava-se que o tubo se estendesse até a Itália passando por Bulgária, Sérvia, Hungria e Eslovênia.

⁸ Posto em operação em 2006, com capacidade inicial de 7,4 bcm, que logo foram expandidos para 23,4 bcm, e tem capacidade para nova expansão até 31 bcm (SOUTHERN GAS CORRIDOR, 2018).

Com a construção já em andamento, o projeto foi cancelado em dezembro de 2014 por objeções da UE, acolhidas pela Bulgária (HYDROCARBONS TECHNOLOGY, 2018).

Em substituição, o Kremlin inicia o projeto TurkStream, que atravessa o Mar Negro diretamente até a sessão europeia da Turquia. O projeto havia sido paralisado por Moscou em 2015, em resposta ao abatimento de um caça russo pelas forças armadas turcas, porém a normalização das relações entre os dois países possibilitou a retomada do projeto, que tem capacidade planejada de 31,5 bcm (GAZPROM, 2018). O TurkStream complementa o fornecimento que já é realizado à Turquia pelo Blue Stream (10 bcm/yr), e disputa o mercado europeu com os hidrocarbonetos do SGC. A rota pode, ainda, expandir-se e recuperar a rota que foi cancelada junto ao South Stream, o que foi confirmado pelo primeiro-ministro búlgaro em maio de 2018⁹.

Além dos projetos de gasodutos, a Rússia disputa o mercado europeu com o fornecimento de Gás Natural Liquefeito (GNL). Plantas de produção em Sakhalin II e Yamal planejam competir com o assédio estadunidense, que, com uma produção em franca ascensão, busca substituir o fornecimento russo para a Europa. Essa opção, contudo, ainda não é economicamente viável, e o fornecimento americano segue sendo diminuto (GOMES, 2018).

3.3 O “Estrangeiro Próximo”

O espaço das ex-repúblicas soviéticas é justamente aquele onde Moscou parece dispor de poder mais direto, ainda que essa influência esteja sendo disputada abertamente pelos outros atores do “grande jogo”, o que permite a esta região praticar uma diplomacia multivetorial (MONGRENIER; THOM, 2016). Ao lado dos conflitos congelados, a política de preços de gás, construção de gasodutos e IDE's da indústria energética são mecanismos do Kremlin visando consolidar sua zona de influência.

É buscando esta consolidação que Moscou define uma política de preços baixos para o estrangeiro próximo. No projeto geopolítico russo (que atualmente dialoga com o Eurasianismo¹⁰), a Ucrânia é parte essencial, tanto de um ponto de vista simbólico quanto prático¹¹. Por essa razão, os termos do fornecimento de gás acordados em 1995 (entre o presidente pró-Moscou Leonid Koutchma e Viktor Chernomyrdin) lhe foram amplamente favoráveis (US\$ 50,00 por 1000 m³). Em 2001, Chernomyrdin seria ainda apontado como embaixador na Ucrânia, se tornando, segundo Boris Toumanov, “primeiro-ministro de facto da Ucrânia, uma vez que o país dependia quase inteiramente dos recursos energéticos russos” (YAKEMTCHOUK, 2008, p. 98).

Contudo, com as revoluções coloridas, o Kremlin anuncia a modificação da política russa de gás frente aos Estados do “estrangeiro próximo” e a Gazprom cobra junto ao governo de Kiev o preço de 130 dólares por 1000 m³. No inverno seguinte, a Gazprom viria a cobrar 235 dólares à Geórgia, no lugar dos 110 de até então (YAKEMTCHOUK, 2008). Ambos os países recusaram os novos preços e tiveram seus fornecimentos interrompidos. No caso ucraniano, como a

⁹ Em encontro com Vladimir Putin, o primeiro ministro búlgaro, Boiko Borissov expressou arrependimento por haver barrado o South Stream. Afirmando ter “aprendido a lição” (“выучили уроки”), buscou expandir o TurkStream até o território da Bulgária, o que o Kremlin se mostrou disposto a fazer, apesar de decisões concretas ainda não terem sido tomadas (ZARUBIN, 2018).

¹⁰ O Eurasianismo é uma filosofia política que prevê uma multipolaridade de civilizações, partindo de uma base anti-imperialista e anti-modernista e de uma perspectiva russa, entendendo a particularidade do país eslavo, que o separa da civilização europeia e dos povos asiáticos (DUGIN, 2014). Nesta perspectiva, a Rússia deveria reorganizar o território da Eurásia, o que implicaria restabelecer o controle sobre a zona das ex-repúblicas soviéticas, e absorver espaços além destas, buscando seus aliados naturais, que seriam países continentais – como Alemanha e Irã – contra adversários naturais, entendidos como “Estados marítimos” – EUA e Reino Unido (MARCU, 2007).

¹¹ O país permanecia sendo um parceiro essencial à Rússia em várias esferas, inclusive no complexo militar-industrial. Ademais, o país é como uma porta energética para o Ocidente, com 80% das exportações russas à Europa passando pelo país em meados da década de 2000 (YAKEMTCHOUK, 2008).

vasta maioria das importações europeias transitavam pela Ucrânia, os ucranianos se serviram diretamente da quantidade direcionada à EU, gerando uma crise que teve fim com um novo acordo de 95 dólares. Já a Geórgia sofreu, além da interrupção no fornecimento, com a construção de um gasoduto russo que passou a levar gás russo diretamente à Ossétia do Sul, sem passar pelas estruturas georgianas¹² (YAKEMTCHOUK, 2008).

Visto a importância da Ucrânia, fica claro que os projetos de tubos para diversificar as rotas em direção à Europa também estavam intencionados, por um lado, em reduzir a dependência em relação ao vizinho eslavo ao criar rotas que o contornam e, pelo outro, em desvalorizá-lo frente à EU, reduzindo seu campo de ação e aumentando a pressão para um realinhamento com Moscou (MONGRENIER; THOM, 2016). Essa é a lógica principal da construção do Nord Stream, em 2011, e seu gêmeo paralelo, Nord Stream 2, de 55 bcm/yr de capacidade cada, seguindo uma rota direta através do Mar Báltico até a Alemanha. O Nord Stream 2 foi construído, e desde o início enfrenta dura resistência dos EUA e do leste europeu, que denunciam sua motivação política¹³. No caso da Alemanha, o projeto representava uma maior garantia de segurança energética, fazendo com que ela se mostrasse disposta à sua implementação, mas, pouco antes do seu comissionamento, a invasão russa à Ucrânia o inviabilizou.

A intenção de excluir a Ucrânia como país de trânsito, ainda que temporariamente, era evidente. Após um processo de solução de controvérsia desfavorável à Moscou entre a Gazprom e a análoga ucraniana Naftogaz, o fornecimento de gás à Ucrânia começou a ser cortado (GORDONUA, 2018) e, no final de março, iniciaram-se as negociações para cancelamento dos contratos de fornecimento de gás entre as duas partes (VESTI, 2018). O imbróglio foi resolvido temporariamente com a assinatura de novo acordo, válido por (apenas) 5 anos, em meio ao esforço europeu por garantir que a Ucrânia permanecesse como uma rota relevante.

O Central Pipeline Consortium (CPC – Tabela 2), um oleoduto ligando o Cazaquistão à Rússia, foi concluído em 2001 e se apresenta como uma alternativa ao BTC, uma vez que o CPC também funciona como uma ponte energética entre o Cáspio e a Europa. Comparando, tanto uma rota quanto a outra tem fragilidades: o BTC não dispõe de um oleoduto que atravesse o Cáspio, estando limitado à banda ocidental, enquanto o CPC, que termina em Novossibirsk, realiza uma rota que dispõe dos hidrocarbonetos tanto do Cazaquistão, quanto do Azerbaijão (que também possui oleoduto levando a Novossibirsk), mas já opera acima de sua capacidade (DELLECKER, 2008).

No que diz respeito ao gás do Cáspio, a Rússia dispõe de fornecimento graças ao sistema “Central Asia-Center” (CAC), construído em 1969 (KARAKALPAKSTAN BLOG, 2017). Graças à posição de monopólio, a Gazprom comprava gás Cazaque, uzbeque e turcomeno a um preço inferior ao do mercado internacional (70 dólares por 1000 m³ em 2005, 130 a 150 dólares em 2007) e revendia a um preço claramente superior aos Estados da União Europeia ou à Ucrânia (YAKEMTCHOUK). Com a precipitação de outros atores do “grande jogo” na região (um projeto de gasoduto para a China e a perspectiva de um “gasoduto transcaspiano” a partir de Baku), a região vê o aumento da sua área de ação e Moscou se vê obrigada a nivelar os preços pagos já no final da década.

Em um esforço para garantir uma fatia importante do gás da Ásia central, Putin firmou acordos para expandir o fornecimento através do CAC. Em 2007, Putin e os presidentes do Cazaquistão e Turcomenistão assinaram um acordo para a

¹² Em 2009, a Gazprom inaugurou o gasoduto “Dzuarikau-Tsinval”, e em 2010 assinou um acordo de fornecimento de gás à região até 2029 (GASPROM, 2017b). Esse movimento pressiona ainda mais o governo georgiano, que vê a cooperação entre uma região separatista e Moscou crescer.

¹³ Em fevereiro de 2018, o premiê polonês declarou que, com o Nord Stream 2, “Putin poderá fazer com a Ucrânia o que quiser”. No que tange o leste europeu, uma das preocupações da Polónia é que a Rússia forneça gás diretamente à Alemanha e corte o suprimento da região (NEFTEGAZ, 2018).

construção de um novo gasoduto que aumentaria sensivelmente as exportações à Europa via Rússia (Nygren, 2009). O gasoduto iria do Turcomenistão à Rússia via Cazaquistão, seguindo a costa oriental do Cáspio, paralelo a uma estrutura menor já existente, antes de conectar-se ao sistema de gasodutos russos com destino à Europa (NYGREN, 2009). Com um novo gasoduto para incluir o Uzbequistão no sistema, o Kremlin conseguiu uma fatia importante do gás da região e reduziu a viabilidade da eventual construção do TCP.

As operações da Gazprom na Armênia também são estratégicas. Em troca de um preço fixo de 110 dólares por 1000 m³, a Gazprom adquiriu 90% da ArmRosGazprom, que possui os gasodutos do país, bem como o status de principal contratada para a construção do segundo ramo do gasoduto Irã-Armênia. Isso complica o acesso iraniano ao mercado Europeu e põe a Gazprom em posição de força na negociação com o Irã, que aceita a participação da companhia no campo de Pars-sul (Irã), em seguida ao acordo com a Armênia (PLATIGORSKY; SAPIR, 2009).

O interesse russo nisto, além da participação na promissora produção iraniana, é evitar que o gás iraniano venha a atravessar a Armênia e integrar o mercado europeu, competindo com o combustível russo. A saída encontrada por Moscou foi o esforço de construção de um gasoduto que escoe a produção iraniana do Pars-Sul para o crescente mercado do sul asiático, através do chamado “gasoduto da paz” (IP), seguindo a rota Irã-Paquistão-Índia. Através da Gazprom, Moscou tem negociado com os países envolvidos; porém, a indefinição acerca das sanções do Ocidente contra o Irã entrava o projeto¹⁴, o que é agravado pela saída dos EUA do acordo nuclear com o país persa.

3.4 A China

O forte crescimento econômico chinês e o aumento da demanda por energia que o acompanha faz com que a China recorra crescentemente ao mercado global de petróleo e gás para satisfazer suas necessidades internas (GOMES, 2018). O país asiático tem sido, por si só, um dos fatores fundamentais para o aumento do preço do petróleo da década de 2000 (YERGIN, 2014). Sendo um setor estratégico, busca-se aumentar a segurança energética do país, de modo a não depender de fontes únicas de energia. A Rússia, em posição estratégica entre a Europa e a Ásia aparece em posição privilegiada para suprir essa demanda. Moscou busca ainda diversificar suas exportações de hidrocarbonetos, e entra no mercado asiático com esta intenção.

Em 2006 inicia-se a construção do oleoduto East-Siberia Pacific Ocean (ESPO – Tabela 2), que leva petróleo da Sibéria oriental até o Pacífico. O objetivo de Moscou era se beneficiar da concorrência entre os grandes consumidores regionais (Japão, Coreia, China, e outros), porém a China obteve a construção de uma derivação do ESPO desde Skovorodino até Daqing, inaugurado em 2010, e que acabou ganhando espaço em relação ao projeto principal, assegurando 6% das importações chinesas de petróleo (MONGRENIER; THOM, 2016). Isso aumenta ainda mais a importância do desenvolvimento da usina Sakhalin II, de produção de LNG, para atender ao mercado do sudeste asiático.

Para diversificar as fontes, também em 2006 é inaugurado o oleoduto Cazaquistão-China (Tabela 2), com capacidade de 10 milhões de toneladas por ano. No ano seguinte, a cooperação energética com a Ásia Central é ainda reforçada com o início da construção do gasoduto Central Asia-China, que sai da fronteira entre Uzbequistão e Turcomenistão e tem a capacidade de levar 40 bcm/yr ao Xinjiang Chinês. A presença chinesa na região deixa clara a formação de mais uma rota de abastecimento ao país asiático que fará parte da nova rota da seda¹⁵: do Cáspio ao Xinjiang, um

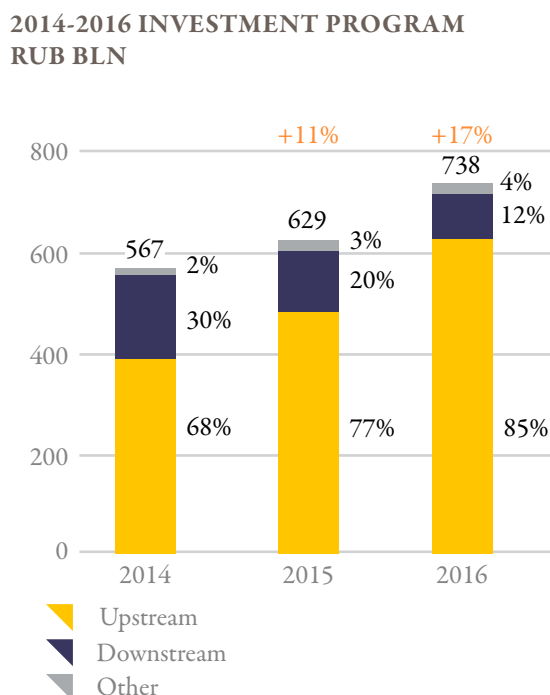
¹⁴ Enquanto a sessão iraniana está completa, o Paquistão está atrasado na sua parte desde 2014 e alega que o gás iraniano ainda é afetado pelas sanções (NEFTEGAZ, 2017).

¹⁵ A nova rota da seda, como ficou conhecida a “Belt and Road Initiative”, é uma iniciativa de fortalecimento de infraestrutura, comércio e fluxos de investimento entre a China e uma série de outros países de Europa, Ásia e África (WORLD BANK, 2018).

grande Turkestão energético parece tomar forma (MONGRENIER; THOM, 2016). Este corredor e a necessidade do Kremlin de voltar-se para a China após a crise de 2014, seguida pelas sanções europeias e americanas, põem a China em posição de força nas negociações de fornecimento de gás natural. Nessas condições, em 2014 Putin assina um contrato de fornecimento de gás, de modo que a partir de 2018 um volume de 38 bcm/ano será fornecido à China por três décadas pelo “Força da Sibéria”.

3.5 Investimentos Estratégicos

Figura 2 – Programa de Investimento 2014-2016 (Rosneft)



Fonte: Rosneft.

Em artigo de fevereiro de 2018, Chow e Stanley (2018) defendem a existência de uma série de projetos e atividades por parte principalmente da Rosneft que ilustram o uso da companhia como um instrumento da política externa russa, o que fica mais claro a partir dos choques gêmeos da queda dos preços do petróleo e das sanções impostas à Moscou em 2014. Sua lógica central é que uma companhia “normal” reduziria suas atividades, equilibraria a folha de pagamentos e esperaria por condições externas favoráveis¹⁶. A Rosneft, por outro lado, expandiu sua atividade internacionalmente, como se pode ver na figura 2.

Entre os investimentos estratégicos mencionados estão: (1) o acordo de “armas-por-petróleo”, em 2006, e o apoio, tanto do governo russo quanto da Rosneft à Maduro, que precisariam ter um retorno astronômico para compensar pelo risco de investimento na Venezuela em crise; (2) o acordo de parceria em “projetos estratégicos” no valor de até U\$ 30 bilhões assinado entre Rosneft e a sua análoga iraniana, com a presença de Putin, enquanto era concedido à Rússia acesso a uma base aérea iraniana; (3) projetos no Iraque ligados à aquisição, em 2016, da companhia Bashneft, o que é visto como uma intenção de se tornar um ator-chave na reconstrução da indústria de petróleo e gás na região¹⁷, o que ainda

¹⁶ Isso de fato ocorreu, e neste período o cenário da indústria energética foi de grande corte nos investimentos projetados em todos os níveis da cadeia (LINS, ET AL., 2015)

¹⁷ Isso se ilustra no acordo assinado em janeiro de 2018, segundo o qual a Rússia terá direitos exclusivos de produção de petróleo e gás na Síria (KATONA, 2018).

solidifica a posição russa de fornecedor preeminente de energia à Turquia, a qual é uma aliada problemática da OTAN; e (4) o fortalecimento político entre o Kremlin e facções que disputam o governo da Líbia, com a intenção de adquirir uma base naval e de colocar a Rosneft no país, que tem as maiores reservas de petróleo africano, posicionado estrategicamente para fornecer gás natural à Europa.

A interpretação dos autores está correta, porém é preciso evitar simplificações acerca da natureza das empresas da estrutura desenhada por Putin. A Rosneft não pode ser comparada a uma empresa “normal”, pois ela não o é, nem do ponto de vista da tomada de decisões, nem da fonte de capital. A ação das campeãs nacionais estatais baseia-se em uma confluência de interesses entre empresa e Estado (que não é unilateral) e a percepção de risco é alterada, uma vez que a companhia tem o próprio Estado como fiador. As atividades da Rosneft descritas acima justificam-se, portanto, por esta confluência de interesses: agia estrategicamente em benefício do Kremlin ao mesmo tempo que adquiria ativos produtivos (*upstream*) a baixo custo em um momento em que seus competidores estavam estáticos, abrindo mão de grandes fatias do mercado.

3.6 Sistematização dos projetos

A compilação do mapeamento realizado acima em torno dos projetos estratégicos pode ser observada nas tabelas 1 e 2:

Tabela 1 – Projetos de Gasodutos

Gasodutos				
Nome	Capacidade (bcm/yr)	Expansão (bcm/yr)	Ano (status)	Países
SGC (Southern Gas Corridor)				
SCP (South Caucasus Pipeline)	7,4	23,4 - 31*	2006	Azerbaijão
				Geórgia
TANAP	16 (6-TUR; 10-UE)	24 (2023) - 31 (2026)**	2018	Turquia
TAP	10	20	em construção (93%)	Grécia
				Albânia
				Itália
TCP (Transcaspian Pipeline)	-	-	em planejamento	Turcomenistão
				Azerbaijão
Outros Gasodutos para Europa				
NABUCCO (Cancelado)				
South Stream (Cancelado)	63	-	2007 (anunciado)	Rússia
				Búlgaria
				Sérvia
				Outros
Yamal-Europa	32.9	-	1994 – pronto em 1999	Rússia
				Bielo-Rússia
				Polônia
				Alemanha

Brotherhood	28	100	1981 – (pronto em 1983)	Ucrânia
				Chéquia
				Eslováquia
				Austria
				Rússia
Turkish Stream	31,5	-	2014 – (Pronto em 2020)	Rússia
				Túrcia
Nord Stream	55	-	2011	Rússia
				Alemanha
Nord Stream 2	55	-	2017 (acordos de financiamento)	Rússia
				Alemanha
Gasodutos para a China				
Power of Siberia	38	-	2014 (acordo)	Rússia
				China
Central Asia-China gas pipeline	40	-	2007 (construção)	Turcomenistão
				Uzbequistão
				Cazaquistão
				China
Outros Gasodutos				
IP (Irã-Paquistão)	7,6	10	2010	Irã
				Paquistão
Central Asia-Center (CAC)	50	80	1969 (ampliado em 2009)	Turcomenistão
				Cazaquistão
				Rússia
Blue Stream	10	-	2002	Rússia
				Turquia

Fonte: BP; Hydrocarbons Technology; Gazprom; Neftegaz; TANAP; Trans Adriatic Pipeline; le figaro; Ögütçü (2006); Dellecker (2008). Energy base.

* Uma expansão do SCP foi realizada e começou a operar em junho de 2018. Espera-se que alcance 23,4 bcm/yr. Se necessário, uma nova expansão pode ser realizada, e a capacidade da rota pode alcançar 31 bcm/yr.

**A capacidade planejada atual do TANAP é de 16 bcm, mas a capacidade para o ano de 2023 sobe para 24 bcm, e, em 2026, para 31 bcm.

Tabela 2 – Projetos de Gasodutos

Oleodutos				
Nome	Capacidade (ton/yr)	Expansão (bcm/yr)	Ano (status)	Países
BTC (Baku-Tiblisi-Ceyhan)	59,8 mi	-	2006	Azerbaijão
				Geórgia
Cazaquistão-China	10 mi	-	2006	Cazaquistão
				China
Central Pipeline Consortium (CPC)	43 mi	-	2001	Rússia
				Cazaquistão
ESPO	58 mi	-	2006 (início da construção)	Turcomenistão
				Azerbaijão

Fonte: BP; Hydrocarbons Technology; Gazprom; Neftegaz; TANAP; Trans Adriatic Pipeline; le figaro; Ögütçü (2006); Dellecker (2008). Energy base.

4. Avaliando os resultados: um instrumento de eficácia limitada

Uma vez apresentados os mecanismos dos quais dispõe o país eslavo para instrumentalizar a sua indústria energética, dispomos de evidências suficientes para confirmar a hipótese proposta. O setor energético russo, através de sua influência nos países do entorno, funciona como um instrumento geopolítico da federação russa. O seu uso já era possível no governo Yeltsin (quando foi construída Yamal-Europa - Tabela 1), mas se intensificou no regime corporativista rígido montado por Putin.

Do ponto de vista geopolítico, a Rússia conseguiu tornar significativa a dependência europeia sobre o seu petróleo, que passa de 7% em 1990 a 32% em 2016. No que diz respeito ao gás, a Rússia viu esta dependência cair, porém, para níveis ainda assim muito altos, passando de 68% a 40% no mesmo período. Por outro lado, houve uma diversificação dos destinos das exportações. Estas, ainda reféns da demanda europeia, passam a ser realizadas em peso também para a China, e devem ser ainda mais diversificadas para o leste asiático (que vem ganhando crescente importância) uma vez desenvolvidas e expandidas as produções de GNL em Yamal e em Sakhalin II.

Já a situação do gás natural é a oposta: apesar de Moscou ter aumentado o volume exportado do combustível, Bruxelas tem conseguido diversificar suas importações. O faz aumentando as importações de Noruega e Argélia (os outros principais fornecedores) e estabelecendo novas rotas para absorver combustível do Cáspio (GOMES, 2018). O GNL passa também a ser uma alternativa estratégica para a Europa, ainda que não seja tão competitivo quanto à infraestrutura de transporte já existente ao continente, de modo que representava, em 2018, pouco mais de 10% das importações de gás natural (GOMES, 2018). Ainda assim, foi um componente essencial para lidar com a crise energética derivada da invasão russa à Ucrânia. Vale notar também que a UE soube manter, por hora, sua independência do gás americano, que, para a Europa, segue sendo desprezível, uma vez que esta recorre mais fortemente ao Qatar. Buscando se adaptar ao desafio do GNL, a Rússia desenvolveu produção na península Yamal (Ártico), projeto inaugurado no fim de 2017 (LNG WORLD NEWS, 2018) e vai atender os mercados da Europa e da Ásia, ao lado de Sakhalin II (TOTAL, 2018).

Mais relevante como alternativa para a Europa é o SGC. Enquanto o projeto teve início com um fluxo de aproximadamente 10 bcm/yr por esta rota (capacidade máxima do TAP – ver Tabela 1), dados os fornecimentos potenciais do Cáspio, do Oriente Médio e do Mediterrâneo oriental, a UE planeja aumentar este volume de 80 a 100 bcm/yr (EUROPEAN COMMISSION, 2018). Nesse sentido é providencial a construção do TurkStream, que, somado ao Blue Stream envia 41,5 bcm/yr de gás à Turquia (Tabela 1), principal país de trânsito do SGC, e seção de maior capacidade de transporte do corredor. Ademais, Moscou conseguiu reduzir a viabilidade da construção do TCP ao conseguir controlar a maior parte das exportações turcomenas através dos acordos na década de 2000 (YAKEMTCHOUK, 2008). Portanto, o Kremlin administra em alguma medida a dependência europeia em relação ao gás russo.

Por sua vez, busca reduzir sua dependência do mercado consumidor europeu ao tentar acessar o mercado asiático, com destaque para a China. Este redirecionamento, contudo, é algo forçado, na medida em que a Rússia, conforme assume uma polarização aberta com a Europa e o Ocidente, se vê cada vez mais dependente das importações chinesas. De todo modo, este redirecionamento está se materializando, uma vez que a China, apenas de 2013 para 2017, assumiu uma fatia de 8,8% para 16,7% do destino das exportações de produtos minerais russos, assumindo a liderança (GOMES, 2018). Do ponto de vista da China, a Rússia é peça importante para o fornecimento energético, apesar de o país asiático buscar constantemente criar alternativas, evitando dependência exagerada de Moscou.

A Rússia foi responsável, em 2017, por 14,6% das importações chinesas de petróleo bruto (WORKMAN, 2018). Mesmo a construção do oleoduto Cazaquistão-China não representa uma diversificação muito grande, uma vez que este tem uma capacidade de 10 mi. toneladas, extensível a 12 mi., bem menos que a capacidade russa. Ainda assim, é relativo falar em uma “dependência chinesa”, uma vez que o petróleo ainda é mais fácil de se substituir que o gás natural, por não depender de estruturas terrestres para o seu fornecimento.

No que tange ao gás natural, a Rússia se torna um fornecedor importante, com o gasoduto “força da Sibéria”, de capacidade apenas 2 bcm inferior em relação ao gasoduto vindo da Ásia central. Atualmente, este combustível é energeticamente menos importante para a China que o petróleo, representando apenas 5,2% da matriz energética chinesa, contra 19,4% do ouro negro. Contudo, o aumento da demanda chinesa por gás aumentou ainda mais abruptamente que a do petróleo, sobretudo como GNL. Resta saber, portanto, se Moscou será capaz de desenvolver a produção de gás liquefeito em escala suficiente para atender o mercado do sudeste asiático, no qual China, Japão e Coreia do Sul sozinhos importaram 55% do volume de GNL vendido em 2017 (REUTERS, 2018).

Finalmente, a alavanca energética tem se mostrado um mecanismo de pressão efetivo sobre os países do estrangeiro próximo. As antigas repúblicas da Ásia Central veem sua margem de ação expandir-se graças à disputa pelos hidrocarbonetos da região por três potências, a infraestrutura instalada em direção à Rússia, a própria importância do mercado russo e o caminho facilitado ao mercado europeu, fazendo com que o vizinho do norte siga sendo um destino central para as suas exportações.

No Cáucaso, a iniciativa europeia do SGC também reduziu a dependência de Azerbaijão e Geórgia frente a Moscou, ainda que a Geórgia siga pressionada pelo “conflito congelado” na Ossétia do Sul, que é ajudada em seus esforços de separação pelo fornecimento de gás da Gazprom. Na região, apenas a Armênia está perfeitamente alinhada com os interesses geopolíticos do Kremlin, mas desempenha um papel central na estratégia de impedir que o combustível iraniano integre o corredor à Europa.

A Ucrânia, por sua vez, foi a principal ex-república soviética a sofrer a pressão russa pela dimensão energética, na lógica de cortar o país do trânsito à Europa. A capacidade combinada de transporte de gás à Europa dos gasodutos Yamal-Europa e os gêmeos Nord-Stream 1 e 2 é de 142,9 bcm, aos quais ainda falta o acréscimo fornecido pelo TurkStream. Uma vez que em 2016 o total de gás importado da Rússia pela UE foi de 153 bcm, Kiev se tornaria irrelevante como rota de passagem, e seu fornecimento poderá ser interrompido, a partir da implementação do Nord Stream II. Isto, contudo, não se produziu na prática, tendo em vista o esforço Europeu para manter o país como rota relevante. O interesse russo no país, além de sua importância simbólica em seu projeto geopolítico, está ligado à possível adesão ucraniana à OTAN, mesma situação da Geórgia. Esperava-se que, consolidando a influência sob a Ucrânia e estimulando os conflitos separatistas tanto nela quanto na Geórgia, evitar-se-ia que estes dois países fronteiriços pudessem integrar a aliança do Atlântico Norte (RADVANYI; LARUELLE, 2016). Enquanto o caminho para obter este objetivo vinha sendo buscado de forma bem sucedida por vias indiretas (pela anexação apenas da Criméia, fomento a conflitos no leste ucraniano e, para o que diz respeito a este artigo, na busca de retirar a Ucrânia da rota de trânsito de hidrocarbonetos à Europa), a partir de 2022, o Kremlin muda sua abordagem e tenta uma invasão em larga escala pela via militar.

Resta mencionar os novos desafios com os quais o Kremlin terá que lidar. Apesar dos esforços do governo Putin para diversificar as fontes de renda e exportação¹⁸, a economia russa segue dependendo excessivamente do petróleo e se mostra

¹⁸ E o tem conseguido em alguma medida, uma vez que a receita russa vem crescentemente sendo providenciada por outros setores que não o energético (GOMES, 2018). Contudo, o país mantém uma forte dependência das exportações do setor.

vulnerável a quedas abruptas do preço do combustível. Essa vulnerabilidade ficou clara desde o choque do petróleo, de 2014, que combinou um choque de oferta, devido ao crescimento abrupto da produção nos EUA, que não foi acompanhado por uma redução da produção da OPEP, com a desaceleração do crescimento chinês (LINS ET AL., 2015). Os EUA serão, de fato, um ator problemático para a Rússia na geopolítica do petróleo e gás a partir desta década, beneficiados pelas mudanças nos paradigmas tecnológicos aos quais o país eslavo precisa se adaptar. Por um lado, espera-se que os EUA sejam responsáveis por 80% do crescimento da demanda global por petróleo nos próximos anos (CUNNINGHAM, 2018), graças aos avanços na tecnologia de “*Shale Oil*”. Pelo outro, a difusão do GNL – do qual os EUA devem se tornar em breve o maior produtor global (INTERNATIONAL, ENERGY AGENCY, 2017) – pode significar um enfraquecimento dos gasodutos como instrumento geopolítico, uma vez que, no caso do corte de fornecimento por via terrestre, este pode ser balanceado pela importação do gás liquefeito. Mais grave ainda, com a invasão à Ucrânia, a Rússia passa a estar cada vez mais dependente da China para escoar sua produção.

5. Considerações Finais

A alavanca energética russa se mostrou, sobretudo a partir dos anos 2000, um importante instrumento geopolítico, que se adequa bem ao corporativismo que passou a caracterizar a estrutura de poder no interior da federação russa e que permite maior interferência do Estado sobre a indústria de P&G, a partir do comum acordo entre as elites políticas e as empresariais do setor. Contudo, este instrumento mostrou-se limitado para impor à Europa e à China uma dependência em relação ao combustível russo e ineficiente para a superação dos próprios vícios internos da indústria petrolífera no país eslavo. A dependência das receitas do setor se mantém e não houve o devido avanço para outras zonas produtivas no país, particularmente para a Sibéria Oriental.

A viabilização dos investimentos necessários para a superação desses elementos limitadores encontra-se, ainda, dificultada pelo cenário de excesso de oferta de combustível existente atualmente. Se já desde meados da década de 2010 essa questão se impunha devido à dificuldade da ação concertada no mercado, principalmente por parte dos EUA – o que resultou na crise dos preços do petróleo em 2014 –, a nova década se inicia já com dois duros golpes para essa indústria: por um lado, a crise do novo Coronavírus pressiona a demanda global para baixo e, por outro, Rússia, ao invadir a Ucrânia, se vê cada vez mais dependente da China, tendo em vista que a Europa busca romper com a interdependência histórica com Moscou na esfera energética.

Esta conjuntura beneficia a China, cuja importação vem aumentando durante a crise, de modo a aproveitar os preços mais baixos para aumentar as reservas estratégicas do país (EL FINANCIERO, 2020). Como consequência, a ferramenta energética de Moscou se vê ainda mais limitada, e precisará se reinventar para seguir reforçando o potencial geopolítico russo em seu entorno. No mais, novas investigações são necessárias para a melhor compreensão sobre como a alavanca energética descrita acima poderá impactar os rumos da geopolítica energética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITISH PETROLEUM. (2018), BP. *Statistical Review of World Energy*. Ed. 67. Disponível em: <https://www.bp.com/content/dam/bp/en/corporate/pdf/energy-economics/statistical-review/bp-stats-review-2018-full-report.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018a.
- _____. (2018), *Baku-Tbilisi-Ceyhan Pipeline*. Disponível em : https://www.bp.com/en_az/caspian/operationsprojects/pipelines/BTC.html. Acesso em: 19 nov. 2018b.
- CHOW, Edward C.; STANLEY, Andrew J. (2018), “Russia’s National Oil Champion Goes Global”. *CSIS*, 22 fev. 2018. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/russias-national-oil-champion-goes-global>. Acesso em: 21 nov. 2018.
- CUNNINGHAM, Nick. (2018), “IEA Predicts Nightmare Scenario for OPEC”. *Oilprice*, 05 mar. 2018. Disponível em: <https://oilprice.com/Energy/Energy-General/IEA-Predicts-Nightmare-Scenario-For-OPEC.html>. Acesso em: 22 nov. 2018.
- DELLECKER, Adrian. (2018), “Caspian pipeline consortium, Bellwether of Russia's Investment Climate?” *Russie.Nei.Visions, Paris*, nº 31, June 2008.
- DUGIN, Alexander. (2018), *Eurasian Mission*. Arktos Media Ltd.
- EL FINANCIERO. (2020), *China 'saca partido' de los precios bajos del petróleo y acapara demanda en medio de la pandemia*. 26 abr. 2020. Disponível em: <https://www.elfinanciero.com.mx/economia/china-aprovecha-los-precios-bajos-y-acapara-petroleo-en-medio-de-la-pandemia>. Acesso em: 27 abr. 2020.
- EUROPEAN COMMISSION. (2018), *Gas and Oil Supply Routes*. Disponível em: <https://ec.europa.eu/energy/en/topics/imports-and-secure-supplies/gas-and-oil-supply-routes>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- GAZPROM. (2017), “Газпром” полностью выполняет обязательства по газоснабжению потребителей Южной Осетии [“Gazprom” cumple a totalidade das suas obrigações de fornecimento de gás para a Ossétia do Sul]. 6 jul. 2017. Disponível em: <http://www.gazprom.ru/press/news/2017/july/article340776/>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- _____. (2020), *TurkStream*. Disponível em: <https://www.gazprom.com/projects/turk-stream/>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- GOMES, Pedro H. M. (2018), *A Federação Russa (1991-2018): Petróleo e Gás, Instrumento Geopolítico e Desenvolvimento Econômico*. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) – Instituto de Estudos Estratégicos, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

GORDONUA. (2018), “В” “Укртрансгазі” заявляють, что “Газпром” продолжает нарушать обязательства по давлению на входе в ГТС Украины” [Em “Ukrtransgaz” afirma-se que a “Gazprom” continua a violar as obrigações de fornecimento na entrada do sistema de gás da Ucrânia]. 2 mar. 2018. Disponível em: <https://m.gordonua.com/news/money/v-ukrtransgaz-zayavlyayut-cto-gazprom-prodolzhaet-narushat-obyazatelstva-po-davleniyu-na-vhode-v-gts-ukrainy-234403.html>. Acesso em: 21 nov. 2018.

HYDROCARBONS TECHNOLOGY. (2018), *South Stream Pipeline Project, Europe*. Disponível em: <https://www.hydrocarbons-technology.com/projects/southstream/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

INTERNATIONAL GAS UNION. (2018), *2018 World LNG Report*. Disponível em: https://www.igu.org/sites/default/files/node-document-field_file/IGU_LNG_2018_0.pdf. Acesso em: 18 nov. 2018.

KARAKALPAKSTAN BLOG. (2018), *Central Asia–Center gas pipeline system*. 13 mar. 2017. Disponível em: <https://karakalpak-karakalpakstan.blogspot.com/2017/03/central-asiacenter-gas-pipeline-system.html>. Acesso em: 21 nov. 2018.

KATONA, Viktor. (2018), “Russia is Taking Over Syria’s Oil and Gas”. *Oilprice*, 14 fev. 2018. Disponível em: <https://oilprice.com/Energy/Energy-General/Russia-Is-Taking-Over-Syrias-Oil-And-Gas.html>. Acesso em: 21 nov. 2018.

KHODAKOVSKYY, Yevgen. (2014), *The legal framework of EU-Russia energy relations*. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universiteit Gent, Gante.

LINS, Clarissa; MORAIS, Raoni; HOLLANDA, Lavínia. (2015), “Uma Visão Geral da Indústria de Óleo e Gás na América Latina”. *Konrad Adenauer Stiftung*. Disponível em: <https://www.kas.de/pt/web/energie-klima-lateinamerika/veranstaltungsberichte/detail/-/content/energiegeopolitik-in-lateinamerika1>. Acesso em: 21 dez. 2019.

LNG WORLD NEWS. (2018), *Cedigaz: Europe’s LNG imports slide in first half of 2018*. 12 jun. 2018. Disponível em: <https://www.lngworldnews.com/cedigaz-europes-lng-imports-slide-in-first-half-of-2018/>. Acesso em: 22 nov. 2018.

MACIEL, Tadeu Morato; GOMES, Pedro Henrique M. (2021), Eclipse do Estado?: Uma análise da indústria do petróleo e gás da Rússia através da abordagem institucionalista. *Brazilian Journal of International Relations*, Marília, SP, v. 9, n. 3, p. 531–559, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjir/article/view/9924>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MARCU, Silvia. (2007), “La Geopolítica de La Rusia Postsoviética: Desintegración, Renacimiento de una Potencia y Nuevas Corrientes de Pensamiento Geopolítico”. Barcelona: *Scripta Nova*, vol. XI, nº 253.

MONGRENIER, Jean-Sylvestre; THOM, Françoise. (2016), *Géopolitique De La Russie*. Paris: Presses Universitaires de France.

NEFTEGAZ. (2018), *Merkel in clash with Poland over Russian Nord Stream 2 gas pipeline plan*. 19 fev. 2018. Disponível em: <<https://neftegaz.ru/en/news/view/169245-Merkel-in-clash-with-Poland-over-Russian-Nord-Stream-2-gas-pipeline-plan>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

NEFTEGAZ. (2017), *Pakistani minister: IP gas pipeline project still affected by sanctions*. 14 jun. 2017. Disponível em: <<https://neftegaz.ru/news/view/162015-Pakistani-minister-IP-gas-pipeline-project-still-affected-by-sanctions>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

NYGREN, Bertil. (2009), “Unilateral Endeavours Challenging Governance in the Energy Sector: Russia, China and the US”. In: WAGNSSON, Charlotte; et al. *European Security Governance: The European Union in a Westphalian World*. Abingdon: Routledge.

OECD; IEA, (2017), *World Energy Outlook*. Disponível em: <<https://www.iea.org/weo2017/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

PIATIGORSKY, Jacques; SAPIR, Jacques. (2009), *Le grand jeu: XIXe siècle, les enjeux géopolitiques de l'Asie centrale*. Paris: Éditions Autrement.

RADVANYI, Jean; LARUELLE, Marlène. (2016), *La Russie entre peurs et défis*. Paris: Armand Colin.

REGNUM. (2018), *EC готов обсуждать поставки иранского газа через Южный газовый коридор* [UE pronta para debater o fornecimento de gás iraniano através do Southern Gas Corridor]. 16 fev. 2018. Disponível em: <<https://regnum.ru/news/2381017.html>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

RIA NOVOSTI. (2018), *Подписана конвенция о правовом статусе Каспийского моря* [Assinada a convenção sobre o status legal do Mar Cáspio]. 12 ago. 2018. Disponível em: <https://ria.ru/world/20180812/1526398222.html?utm_source=push&utm_medium=browser_notification&utm_campaign=ria.ru>. Acesso em: 19 nov. 2018.

SCHMITTER, Philippe C. (1974), “Still the Century of Corporatism?”. *Review of Politics*, no 36.

SCHUTTE, Giorgio Romano. (2011), “Economia Política De Petróleo E Gás: A Experiência Russa”. In: ALVES, André G. M. Pineli (org). *Uma Longa Transição: Vinte Anos de Transformações na Rússia*. Brasília: IPEA.

SOUTHERN GAS CORRIDOR. (2018), *South Caucasus Pipeline*. Disponível em: <<https://www.sgc.az/en/project/scp>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

STRATFOR. (2014), *The Strategic Importance of the Caspian Sea*. 19 mai. 2014. Disponível em: <<https://worldview.stratfor.com/article/strategic-importance-caspian-sea>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

TOTAL. (2018), *Yamal Lng: The Gas That Came In From The Cold*. Disponível em: <<https://www.total.com/en/energy-expertise/projects/oil-gas/lng/yamal-lng-cold-environment-gas>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

TRANS ADRIATIC PIPELINE. (2018), *Project Progress*. Disponível em : <<https://www.tap-ag.com/pipeline-construction/project-progress>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

VESTI. (2018), “Газпром и ‘Нафтогаз’ обсудили расторжение договора” [Gazprom e Naftogaz discutiram o cancelamento dos acordos]. 27 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.vestifinance.ru/articles/99470>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

WORKMAN, Daniel. (2018), “Top 15 Crude Oil Suppliers to China”. *World's Top Exports*, 01 abr. 2018. Disponível em: <<http://www.worldstopexports.com/top-15-crude-oil-suppliers-to-china/>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

YAKEMTCHOUK, Romain. (2008), *La politique étrangère de la Russie*. Paris: L'Harmattan.

YERGIN, Daniel. (2014), *A Busca: Energia, segurança e a construção do mundo moderno*. Rio de Janeiro: Intrínseca.

ZARUBIN, Pavel. (2018), “Мы Выучили Уроки’: Самая Послушная Страна ЕС Извинилась Перед Москвой” [“Nós aprendemos a lição”: País Mais Obediente da UE de Desculpa Frente a Moscou]. Vesti, 30 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.vesti.ru/doc.html?id=3023067&cid=5>>. Acesso em: 20 nov. 2018.